

Da intelligencia nas suas relações com o fisco



SAHIRAM ao encontro de M.^{lle} Bartet dois jornaes portuguezes, um e outro animados do mesmo vivo desejo de bem servir o publico, servindo-lhe antes que nenhum outro a societaria da *Comedia Franceza*, tão fresca quanto era licito esperar de uma longa e fadigosa viagem; e um d'elles, ao mesmo tempo que declinava os seus titulos e alguns verbos da primeira conjugação, exprimiu-se assim: «— Eu não fiz, mais, com isto, do que vir antecipadamente dizer-lhe que é esperada com impaciencia pelos intellectuaes portuguezes e,— segundo creio— pelo publico de Lisboa.»

Esta formula de saudação, claramente expressa n'uma folha diaria, suggere-nos as seguintes considerações.

A intellectualidade é uma descoberta toda moderna, como a telegraphia sem fios e o soro anti-diphtherico.

Ha pouco tempo ainda, as superioridades mentaes definiam-se pelas palavras— *genio, talento, aptidão, lucta*, e bem assim *habilidade*. Dizia-se: — A minha filha tem muita *habilidade* para o piano.

Pela palavra *intelligencia* pretendia-se significar não somente a posse, como o exercicio d'essa faculdade. Dizia-se:— O meu filho é *muito intelligente*, ou:— O meu filho é um burro.

Em nenhum caso, porem, estes vocabulos serviam para dividir essencialmente os homens em cathogorias, ou classes.

A intelligencia era um attributo commum a todos os individuos da especie, como a sensibilidade e a vontade, que uns exerciam mais vigorosamente que outros, mas que inalteravelmente se subentendia pertencer a todos.

Dizia-se certamente: — Os marceneiros, os sapateiros, os alfayates, os oleiros. Ninguem ousaria dizer — *Os genios*.

O estar na posse da intelligencia não significava estar na posse de um modo de vida. Todos os homens gozavam do bem da intelligencia e a distribuiam com profusão por todos os mistéres.

Em resumo, a intelligencia não agremiava.

Sobrevem esta febre de renovação que faz com que nós mudemos de casa e de opinião todos os semestres, e a intelligencia, deixando de ser um attributo commum a todos os individuos, passou a ser o privilegio de alguns e a denominar-se — *intellectualidade*.



Forma-se immediatamente debaixo d'esta invocação, uma classe — a classe dos *intellectuaes* e a especie humana encontra-se de um momento para o outro despojada da sua mais bella attribuição, em beneficio de meia duzia de monopolisadores.

A sociedade industrialista dos nossos dias, inventa, com o *trustee* do aço, o do petroleo e o do carvão— o *trustee* da intelligencia.

O Espirito organisa-se em syndicato, e, mais uma vez, a humanidade se divide em *possuidores* e *não-possuidores*, em *capital* e em *trabalho*.

Os intellectuaes representam para a economia do espirito — o *capital*. O resto é proletariado.

«— Eu não fiz mais do que vir antecipadamente dizer-lhe que é esperada com impaciencia pelos intellectuaes portuguezes e— segundo creio— pelo publico de Lisboa.»

Aqui está!

Não já diante de uma questão patriótica, mas diante do *On ne badine pas avec l'amour*, a sociedade portugueza mostra-se dividida: d'um lado os intellectuaes, do outro lado o publico, isto é, d'um lado o espirito, do

outro a cegueira, d'um lado a fortuna, do outro a penuria, d'um lado o engrandecimento pelo genio, do outro, o aviltamento pelo arreo.

Como se aggreiriam os intellectuaes?

Por afinidade de interesses?

Por acções?

Por obrigações?

Eis o que profundamente ignoramos.

A intellectualidade appareceu um dia, com o theatro d'Ibsen e a camisola Jaeger, embrulhada n'uma capa de casimira.

Como o sr. Burnay, ella teve principios modestos. Exactamente como o sr. Burnay, ella prosperou. Luctou, bebeu até ás fezes o *bock* da amargura, foi, como todas as audazes iniciativas humanas, incomprehendida pelos seus contemporaneos.

Eil-a solidamente organisaada em empresa, forte, prospera, dando já dividendo.

Perfeitamente.

A intelligencia é uma profissão, a intelligencia fez sociedade.

E' a *Marcenaria 1.º de Dezembro*, é a *Companhia Fabril do genio*. Admiravel.

A intelligencia explora uma industria. A intelligencia faz pilulas purgativas, a intelligencia faz oleo de fgado de bacalhau.

Maravilhoso!

A intelligencia deixou de estar sob o patronato de Deus e passa a estar sob a acção do Fisco.

Que a intelligencia pague, pois. Que pague, como nós o Publico, que não fazemos profissão de intellectualidade e e nos limitamos a ser jornalistas, escriptores, artistas, medicos, advogados, mas como tal tributados.

Não sabemos o que pense d'este assumpto o sr. conselheiro Jeronymo de Vasconcellos, ou quem as suas vezes faça.

Nós desde já denunciámos ao fisco os intellectuaes e propomos que, d'ora avante, a intelligencia entre no gremio e pague decima, entre os dos nos de hospedarias e casas de pasto e debaixo da rubrica: *Homens de genio*.

JOÃO-RIMANSO.

PEDRO E PAULO ou O CHAPEU NOVO

(PHANTASIA)

CONTINUAÇÃO

E FIM



Pedro.—Sempre embirrei que me estragassem cá o arranjinho...

O DIA 20

A psychologia do senhorio



senhorio é conservador.

Em politica elle é pelas monarchias, fortemente garantidas pela policia, pelo principio da auctoridade e pela ordem. Teme igualmente as revoluções, os tremores de terra e os

canos entupidos.

Em religião é catholico. Existe um Deus dos poderosos, como existe um Deus dos humildes. Elle mantem-se permanentemente em communicação com um Deus a quem dá casa de graça no seu fóro intimo e que, em troca, o preserva das rendas atrazadas.

Em arte é pela linha recta, em hygiene pela pia, em amor pela cama á franceza.

O senhorio tem um procurador, ou não tem um procurador, mas o verdadeiro senhorio é o que não tem um procurador.

O senhorio que tem um procurador é apenas um proprietario. Tem predios, da mesma forma que tem inscrições.

O senhorio propriamente dito não tem inscrições. Tem o Predio. A inscrição é um bem instavel e ephemero, de uma materia já de si fragil e temporaria como o papel, que um phosphoro faz arder e um ministro, cahindo, faz descer ao não-valor de uma mortalha de cigarro que o vento leva.

A fortuna do senhorio propriamente dito não quer solidariedades com trapos. Por isso, o senhorio faz o Predio, onde o seu capital é representado pela argamassa, refractaria aos incendios e aos golpes de Estado. Erigido o Predio, ficam n'ó assim habitando, alem dos successivos inquilinos, a alma do senhorio. — Pregar-lhe um prego n'uma parede, é pregar-lhe um prego na alma. Elle sente-o.

Sendo o Predio, a origem unica da sua fortuna, é o Predio a causa unica das suas preocupações.

A preocupação do senhorio — é o inquilino, porque assim como o Predio é o inquilino, o inquilino é o predio. Destruir um é destruir outro.

O senhorio teme o inquilino, assim como o inquilino teme o senhorio.

O inquilino é o inimigo natural do Predio. Elle envelhece-o, suja-o, entulha-o, corroe-o, fura-o, gasta-o. Prega-lhe pregos no chão, prega-lhe pregos nas paredes, parte-lhe os vidros, arranca-lhe as fechaduras, entupe-lhe os canos, n'uma palavra—destro-o. Como se sabe d'esta collisão o senhorio?

Procurando, por seu turno, destruir o inquilino.

Como?

Pelo Predio.

O inquilino é máo. O Predio é pessimo.

N'elle penetram o vento e a chuva. E' frio no inverno e no verão nauseabundo. As suas janellas não fecham, as suas portas não fecham. As suas alcovas são estreitas e escuras. Não tem um quarto de banho e tem uma pia.

O pensamento do senhorio quando faz o predio é vingar-se do inquilino.

Stygma psychologico: o senhorio é casado.

Psychologia do inquilino.

E' possivel que, em algumas circumstancias da vida, o inquilino dê mostras de conservatismo, mas ha um dia no anno em que elle é profundamente socialista — é no dia 20.

Um abismo de incompatibilidade separa o inquilino do senhorio — a Renda.

Diriamos que um principio innato de justiça manda outorgar a cada homem um predio, de tal maneira é antipathica ao espirito a noção da renda. Paga-se tudo sem reaccitrção: o pão, a luz, a agua, o vestuario, o proprio amor, todavia, como a justiça, substancialmente gratuito. Uma coisa ha, porém, que se paga sempre com repugnancia e colera: a Renda.

O inquilino detesta o senhorio.

Não mantem com elle as menores relações amistasas, não o visita e não recebe nunca a sua visita, não faz parte dos mesmos gremios, não frequenta os mesmos cafés. Estas duas entidades sociaes não tem de commum senão a sua antipathia.

Raro é o inquilino que diz bem da casa que habita. Diz sempre mal. Vimos já como começa por a destruir. Quando não o consegue completamente, acaba por a desacreditar. Desacreditar a casa é um dos prazeres ferozes do inquilino. Desacredita a junto dos seus amigos, desacredita a junto dos seus successores. Ao deixar a casa, o inquilino promove que ella fique vaga e improductiva, ferindo assim os interesses do senhorio — no Juro.

Antes d'isso, accommette-a d'alto a baixo a martello. Enegrece-a, propostadamente, suja-a. Quinze dias antes da mudança, não se lavam as casas. E' de rigor.

O inquilino vingá-se na casa, assim como o senhorio se vinga com a casa.

A casa d'aluguer é odiosa. O inquilino não a supporta. Diz:

— Maldita casa!

Ou:

— Aquella maldita casa!

Attribue-se á casa todos os males: os bilhetes que sahem brancos, as constipações e as gavetas que emperram. Resumem-se os infortunios domesticos n'esta expressão caracteristica do regimen do inquilinato:

— Depois que vinga para esta casa...

D'ahi, o habito de mudar todos os semestres, porque todas as casas parecem igualmente más.

Quando se paga a renda, ha lagrimas, porque ninguem pensa na renda senão oito dias antes. N'esse momento então, o senhorio assume aos olhos do inquilino, as proporções de um monstro.

O inquilino não tem stygma. O seu stygma é a sua condição de inquilino.

E' inquilino, como é herpetico, ou escrophuloso.

O DIA 20

A Civilização e o Guarda-Portão

MAIO 20 1914

FOREIRO
AO
CONDE DE RESTEIO



MARES BRANCA

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

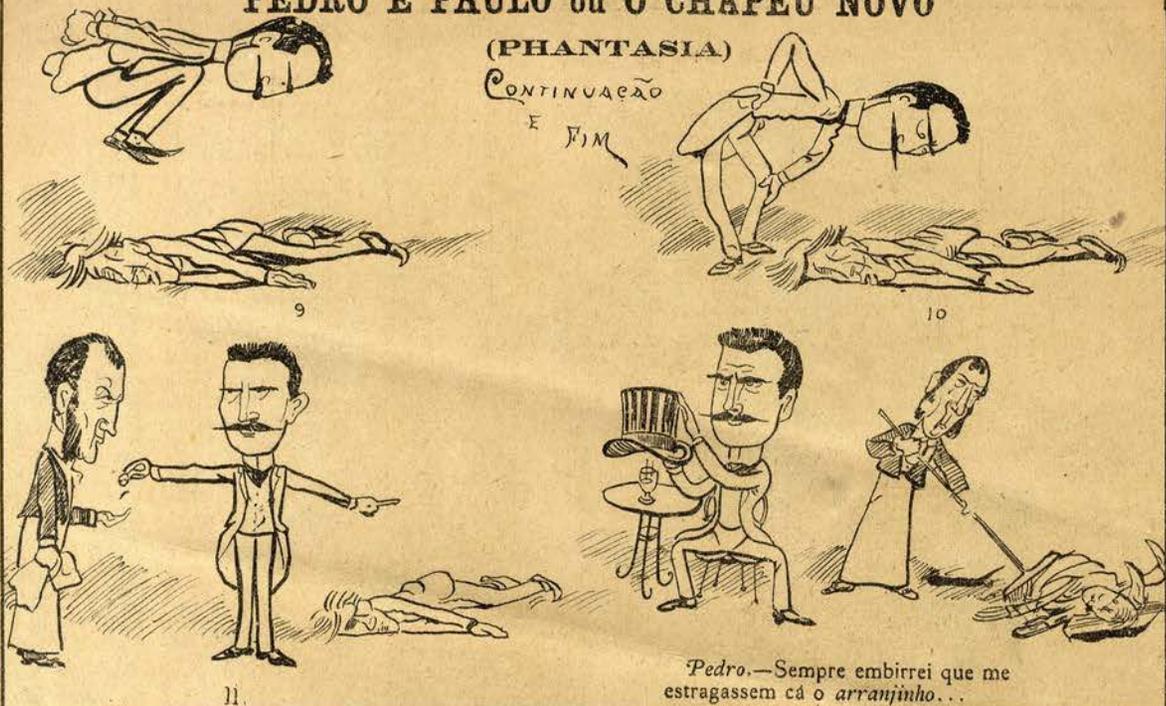
A Civilização — Pode-se ver a casa?
O Guarda-Portão — Não se aluga...
A Civilização — Como não se aluga se está com escriptos?
O Gurda-Portão — Está com escriptos, mas não se aluga.

PEDRO E PAULO ou O CHAPEU NOVO

(PHANTASIA)

CONTINUAÇÃO

E FIM



O DIA 20

A psychologia do senhorio



senhorio é conservador. Em politica elle é pelas monarchias, fortemente garantidas pela policia, pelo principio da auctoridade e pela ordem. Teme igualmente as revoluções, os tremores de terra e os

canos entupidos.

Em religião é catholico. Existe um Deus dos poderosos, como existe um Deus dos humildes. Elle mantem-se permanentemente em communicação com um Deus a quem dá casa de graça no seu fóro intimo e que, em troca, o preserva das rendas atrazadas.

Em arte é pela linha recta, em hygiene pela pia, em amor pela cama á franceza.

O senhorio tem um procurador, ou não tem um procurador, mas o verdadeiro senhorio é o que não tem um procurador.

O senhorio que tem um procurador é apenas um proprietario. Tem predios, da mesma forma que tem inscrições.

O senhorio propriamente dito não tem inscrições. Tem o Predio. A inscrição é um bem instavel e ephemero, de uma materia já de si fragil e temporaria como o papel, que um phosphoro faz arder e um ministerio, cahindo, faz descer ao não-valor de uma mortalha de cigarro que o vento leva.

A fortuna do senhorio propriamente dito não quer solidariedades com trapos. Por isso, o senhorio faz o Predio, onde o seu capital é representado pela argamassa, refractaria aos incendios e aos golpes de Estado. Erigido o Predio, ficam n'ó assim habitando, alem dos successivos inquilinos, a alma do senhorio. — Pregar-lhe um prego n'uma parede, é pregar-lhe um prego na alma. Elle sente-o.

Sendo o Predio, a origem unica da sua fortuna, é o Predio a causa unica das suas preoccupações.

A preoccupação do senhorio — é o inquilino, porque assim como o Predio é o inquilino, o inquilino é o predio. Destruir um é destruir outro.

O senhorio teme o inquilino, assim como o inquilino teme o senhorio.

O inquilino é o inimigo natural do Predio. Elle envelhece-o, suja-o, entulha-o, corroe-o, fura-o, gasta-o. Prega-lhe pregos no chão, prega-lhe pregos nas paredes, parte-lhe os vidros, arranca-lhe as fechaduras, entupe-lhe os canos, n'uma palayra—destroo-o.

Como se sabe d'esta collisão o senhorio? Procurando, por seu turno, destruir o inquilino.

Como?

Pelo Predio.

O inquilino é máo. O Predio é pessimo. N'elle penetram o vento e a chuva. E' frio no inverno e no verão nauseabundo. As suas janellas não fecham, as suas portas não fecham. As suas alcovas são estreitas e escuras. Não tem um quarto de banho e tem uma pia.

O pensamento do senhorio quando faz o predio é vingar-se do inquilino.

Stygma psychologico: o senhorio é casado.

Psychologia do inquilino.

E' possivel que, em algumas circumstancias da vida, o inquilino dê mostras de conservatismo, mas ha um dia no anno em que elle é profundamente socialista — é no dia 20.

Um abysmo de incompatibilidade separa o inquilino do senhorio — a Renda.

Diziamos que um principio innato de justiça manda outorgar a cada homem um predio, de tal maneira é antipathica ao espirito de uma noção da renda. Paga-se tudo sem recalcitração: o pão, a luz, a agua, o vestuario, o proprio amor, todavia, como a justiça, substancialmente gratuito. Uma coisa ha, porém, que se paga sempre com repugnancia e colera: a Renda.

O inquilino detesta o senhorio.

Não mantem com elle as menores relações amistosias, não o visita e não recebe nunca a sua visita, não faz parte dos mesmos gremios, não frequenta os mesmos cafés. Estas duas entidades sociaes não tem de commum senão a sua antipathia.

Raro é o inquilino que diz bem da casa que habita. Diz sempre mal. Vimos já como começa por a destruir. Quando não o consegue completamente, acaba por a desacreditar. Desacredita a casa é um dos prazeres feroces do inquilino. Desacredita a junto dos seus amigos, desacredita a junto dos seus successores. Ao deixar a casa, o inquilino promove que ella fique vaga e improductiva, ferindo assim os interesses do senhorio — no Juro.

Antes d'isso, accommette-a d'alto a baixo a martello. Enegrece-a, propositadamente, suja-a. Quinze dias antes da mudança, não se lavam as casas. E' de rigor.

O inquilino vingá-se na casa, assim como o senhorio se vingá com a casa.

A casa d'aluguer é odiosa. O inquilino não a supporta. Diz:

— Maldita casa!

Ou:

— Aquella maldita casa!

Attribue-se á casa todos os males: os bilhetes que sahem brancos, as constipações e as gavetas que emperram. Resumem-se os infortunios domesticos n'esta expressão caracteristica do regimen do inquilinato:

— Depois que viemos para esta casa...

D'ahi, o habito de mudar todos os semestres, porque todas as casas parecem igualmente más.

Quando se paga a renda, ha lagrimas, porque ninguem pensa na renda senão oito dias antes. N'esse momento então, o senhorio assume aos olhos do inquilino, as proporções de um monstro.

O inquilino não tem stygma. O seu stygma é a sua condição de inquilino.

E' inquilino, como é herpetico, ou e-crophuloso.

THEATRO D. AMELIA

Bartet e Le Bargy



Croquis à la minute

Companhia Real DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

AVISO AO PUBLICO Imposto do sello

Conforme as disposições legais vigentes em relação aos transportes pelas linhas da Companhia, foram estabelecidas as novas taxas seguintes:

- A—Bilhetes de assinatura para transporte por grande velocidade, de comestíveis, nos arredores das cidades.
Taxa por bilhete:
- 1.º quando o preço da assinatura não exceder a 30000 réis 300 réis
 - 2.º excedendo, mas sendo inferior a 100000 réis mensaes 600 "
 - 3.º exceder de cada 100000 réis mensaes a ir e a voltar 600 "
- B—Documento que substitua a guia de bagagem. Idem, que substitua a carta de porte de quaisquer expedições 60 "
- Lisboa, 3 de Novembro de 1902.

Arrendamento do buffete de Alfaiellos

até 31 de Dezembro de 1904

Pela 1.ª hora da tarde do dia 15 do corrente, perante a Comissão Executiva da Companhia, na estação de Lisboa (Rocio) serão abertas as propostas até aquella hora recebidas para o arrendamento do buffete da estação de Alfaiellos, até 31 de Dezembro de 1904.

As condições para este arrendamento estão patentes na Repartição Central do Movimento, estação de Lisboa (Santa Apolonia) todos os dias não-antificados, desde as 10 horas da manhã até às 4 da tarde, e na estação de Alfaiellos, em poder do C.º de esta estação de Alfaiellos que as apresentará quando 1.º e forem pedidos.

As propostas serão endereçadas em carta fechada à Direcção Geral desta Companhia, em Lisboa, estação de Santa Apolonia, com a seguinte inscrição exterior: «Proposta para arrendamento do buffete de Alfaiellos, e redigida segundo o teor seguinte: «Eu abo assignado residente em . . . obri-me para com a Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes, a tomar de arrendamento o buffete da estação de Alfaiellos, até 31 de Dezembro de 1904 pelo quantum de . . . réis (por extenso) na conformidade das condições que estiverem patentes e das quaes tenho pleno conhecimento. Assignatura por extenso e bem legivel. Lisboa, 3 de Novembro de 1902.

O Director Geral da Companhia
Charry.

Ourivesaria e Relojoaria
com officina anexa
concertos

FLORINDO

Jóias
com brilhantes
Preços limitadíssimos

99, RUA AUREA, 99

MENÉRES & C.ª

Porto

Fornecedores da Casa Real Portugueza, da Casa do Presidente da Republica do Brasil, da Directoria da Sanidade Publica do Para, da Cooperativa Militar Portugueza, da Santa Casa de Misericordia de Santos.

As melhores marcas de vinhos do Porto

AGENCIAS EM TODO O MUNDO
Deposito em Lisboa

RUA DOS CAPELLISTAS, 43 A 47

Callista

pedicuro



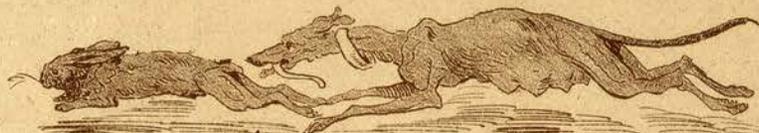
JERONYMO FERNANDES
Empregado da casa Ornellas
R. SERPA PINTO, 48, 1.º
(Frente para o Chiado)

EXTRACÇÃO de callos e
desencravamento de unhas
pelos mais modernos processos

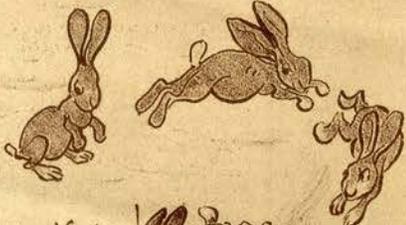
os até hoje conhecidos.
Pede-se ao publico que visite e te consultorio para se
certificar dos verdadeiros milagres que ali se operam.

Das 9 ás 5 da tarde

OS COELHOS EM FRANÇA



- Ora, que massada!!



- E dizem elles: Vive le roi!



Depois da partida do conde de B.

Zima galga - Vejam em que estado eu fiquei



1.º coelho — Não ouviste um tiro ?

2.º coelho — Ouvi. Quem é ?

1.º coelho — Ora quem ha-de ser ? E' Elle !

2.º coelho — Toca a raspar ! Que massada ! Tomára já vel-o pelas costas ! Uff !